

CLÓVIS DE
BARROS
FILHO & JÚLIO
POMPEU

**TESÃO
DE VIVER**

SOBRE ALEGRIA,
ESPERANÇA & MORTE



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Clóvis de Barros Filho, 2020
Copyright © Júlio Pompeu, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ronald Polito
Revisão: Vivian Matsushita e Alice Ramos
Diagramação: Triall
Capa: Tereza Bettinardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Barros Filho, Clóvis
Tesão de viver: sobre alegria, esperança e
morte / Clóvis de Barros Filho, Júlio Pompeu. –
São Paulo: Planeta, 2020.
176 p.
ISBN 978-65-5535-095-1

1. Crônicas brasileiras I. Título II. Pompeu, Júlio

20-2143

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

Veneza de Serra Negra

O cavalheiro do assento ao lado até que aguentou um bom tanto. Seu ombro serviu de apoio para a cabeça de um corpo sem resistência. Em gravidade solta. As poltronas estreitas e coladinhas da econômica facilitavam o aconchego.

Desde o momento em que recolheram as coisas do jantar, pelas três horas seguintes, não se atreveu a mover o braço. Foi só mesmo quando Amélia começou a babar que ele ousou retirá-lo. Lentamente, para não despertá-la em solavanco assustado.

Sem ter onde se apoiar, a dorminhoca mudou de lado. O pescoço, agora espetado no corredor, ia recebendo os golpes de quem passava. Joelhos e ancas de gente aflita, a caminho do vaso. Mas nada a despertaria pelas próximas sete horas. Estava dopada. Justo ela, que nem antibiótico aceitava tomar. E que sempre curou as enxaquecas da vida no chazinho.

Nascida e sovada

Afetos e banalidades me fizeram lembrar dela. Amélia. Se era mulher de verdade, nunca soube. Quanto ao

ofício, sempre foi manicure. De clientela consolidada. Salão compartilhado com a irmã. A famosa Dolores Cirino. A “Dô”, para poucos e bons. Cabeleireira de grandes ocasiões. Se a festa era boa, só mesmo com hora marcada. Ou sendo gente da alta.

Solteirona pelas circunstâncias, convenceu-se, desde cedo, de que a safra local de pretendentes não era boa. Sobretudo a que parecia com ela em idade. Sem companhia constante, apreciava genuinamente o recolhimento. Curtia ficar só. No seu canto. Afetos controlados em experiências repetidas, naquele mundinho, velho conhecido.

Nascida e sovada em Serra Negra, Amélia nunca foi de deslocamentos longos. Conhecia só as imediações. Águas de Lindoia, Amparo, Pedreira e Jaguariúna. Ir mais longe não lhe fazia falta. Tinha estado em Campinas uma vez. O sobrinho querido passara no vestibular. Depois dessa, nunca mais. Cidade grande a deixava confusa.

Gostava mesmo do lugar onde vivia. Esse era seu. As ruas em rampa que sobem de tirar o fôlego e descem trincando os joelhos. Os mirantes, com seus horizontes expostos. O sol rachado do dia. E, ao seu pôr, o fresco do vento gelado que se segue.

Gostava também das suas gentes. Daqueles que sempre moraram por ali, mesmo antes de nascer. E que são como são, não é de hoje.

Dos outros, então, ainda mais. Os que dão as caras só de vez em quando. Chegam perguntando

14 Tesão de viver

pelo friozinho e colorem a cidade por alguns dias. Espalham alegria e encantamento. Gastam o dinheiro que trouxeram e depois se vão. Devolvendo à serra o vazio e a tranquilidade de antes. Levam na bagagem o frescor da alma apaziguada. Temperado pelo desejo de um tiquinho mais. Quase sempre.

Pôster trazido de lá

Apesar da vida vivida em geografia curta, Amélia amava Veneza. Como assim, não conhecia? Nunca tinha estado, é verdade. Mas colecionava revistas, fotos, cartões-postais. Na parede do quarto, uma gôndola em pôster. Trazido de lá. A moldura ela fez no Orlando. Pra essas coisas, só ele mesmo. Ficou salgado. Mas valeu demais da conta. Seu maior patrimônio.

Interessava-se pelas histórias. As contadas nos livros e nas reportagens da televisão. E pelas outras também. As mais saborosas. Enunciadas no improviso. Por gaiatos amadores com talento narrativo. Nada escapava dos ouvidos afiados de Amélia para as coisas venezianas.

Reunia informações de onde fosse e lhes conferia alguma coerência, a todo custo. Tomava por verdadeiro tudo que podia. A lógica esganada a serviço do sentido aparente.

Ao ouvir qualquer relato sobre Veneza, Amélia subscrevia tacitamente um pacto com o porta-voz.

Este jurando fidelidade às ocorrências vividas na própria pele e ela prometendo acreditar em tudo, com ingenuidade matuta.

Quando ficava sabendo que alguém tinha partido em viagem, perguntava logo por onde tinha passado. E se o desavisado manifestasse entusiasmo pela beleza de algum outro lugar, Amélia retrucava ofendida:

— Não são tão belas quanto as de Veneza...

Desvirginar em cascata

Nossa personagem ia inteirar os cinquenta. Números inteiros justificam eventos caprichados. Ocasão em que os outros celebrariam, com boca grande e mãos cheias de docinhos, mais um 4 de outubro.

A Dô e um tio endinheirado resolveram proporcionar-lhe o impensável. A viagem. Para o único destino que importava. Desejo da vida inteira.

O presente fora anunciado com estilo. Entre os parabéns e o bolo. Em improviso da lavra de padre Eusébio. Era sempre ele a tomar a palavra, no mister de falar bonito. Cada frase correspondia a um instante inédito de vida. Um desvirginar em cascata. Ir a São Paulo, entrar num aeroporto, andar de avião, ir pra outro país, outro idioma, Veneza...

A ficha tardou a cair. Afogada pelos cumprimentos exagerados, Amélia parecia em torpor. Seu eterno olhar profundo, habitualmente preenchido até a boca de resignação e melancolia, cintilava naqueles instantes um brilho de descoberta e incredulidade.

Só mais tarde realizou o que estaria por acontecer. Desde então, pensava em tudo ao mesmo tempo. Eram poucos dias para tanto a arrumar.

A notícia se espalhou pela cidade. Empatia e inveja brincavam de gangorra. A grande Serra Negra compartilhava a euforia de sua mais ilustre manicure.

Até que o dia chegou. Dias são assim mesmo. É só marcar que eles chegam. Você, sim, poderá lhes dar o cano. Desencanar e não acudir ao encontro. Quem bate as botas deixa o dia seguinte esperando. Preocupado. Sem saber direito o que aconteceu. Supondo desdém. Ou mero esquecimento.

Mas Amélia compareceu. Jamais se esqueceria. Quanto mais desdenhar. Estava pronta já antes do amanhecer. Amigos, parentes e alguns clientes foram chegando. Casa cheia até o jardim. Ocasão para as últimas dicas. Advertências. Pedidos de presente. E um derradeiro abraço.

Agradecia em sorrisos a presença de cada um. Tomando-os pelas mãos. Sua marca registrada. Segurava-as no ar. Com a delicadeza de quem destapa uma caixa de borboletas adormecidas.

Boca aberta e baba

Seria preciso ir a São Paulo. O Avelino da imobiliária se comprometeu a levá-los. Parceiro pra qualquer hora. Tinha prazer em servir. Facilitar a vida. Nem precisava pedir. Todos ali sempre contavam com ele pra essas roubadas que ninguém encara. Duas horas antes, já estava a postos, com o carro abastecido e o porta-malas aberto.

O caminho escolhido foi por Morungaba e Itatiba. Depois era só pegar a Anhanguera. Em um piscar de olhos estariam na Marginal. A partir dali era preciso paciência. O trânsito nunca facilitava. Mas iam com tempo de sobra. Nenhum imprevisto comprometeria a chegada.

Amélia foi muito de boa. Antes da entrada pra Bragança, para espanto da Dô e do tio endinheirado, já ressonava grave no banco de trás. Como assim?! Dormir de sonhar agitado. Justo ela, que só se entregava depois do milésimo carneiro.

A arte ficou por conta de Higino, o dono da farmácia da praça. Levara, às escondidas, um comprimido redondinho e um copo d'água. Fez Amélia engolir sem se dar conta. Garantiu que mal não havia de fazer. O efeito do danado durava um mugido de boi rejeitado.

Passou sonada pelo raio X e a imigração. Esperou sentadinha pelo voo. Na aeronave, foi desaparecendo aos poucos. Fez, por um bom tempo,

do ombro do cavalheiro ao lado, seu travesseiro de bordo. Não faltou boca aberta e baba.

Amélia só voltou a atinar pela vida no anúncio do pouso. Graças ao Higino, toda a chatice daquele longo e penoso deslocamento fora reduzida a um mergulho em devaneios de tempos borrados e duração imprecisa. O encontro tão esperado estava por um fiapo. Conexão rápida em Roma. Seguida de uma horinha de voo suplementar. Até o destino final.

Deus Tardelli

O despertar foi faminto. Também, pudera. O bolo de fubá em casa tinha sido a última ingestão sólida. No aeroporto não faltavam guloseimas e seus odores de água na boca. Sem muito acanhamento, foi logo pedindo, com os dedos e um falar pra dentro: dois sanduíches e um café.

Chamavam de *panini*. Um era de presunto e queijo. E o outro, mais ousado, tinha linguiça e pimentão. Parecia bom de comer. Já o café era expresso. Um dedinho só e forte pra dedéu. Nada parecido com o coado de casa. Como se fosse outra bebida.

Tudo engolido num pé só. A fila do embarque ia se escoando na ampulheta do portão. Chegou ofegante. Limpando lábios na manga do casaco. Com seu nome anunciado e repetido no alto-falante.

Que bonito ficava Amélia naquele idioma! Claro, sonoro, cantado. Cada letra em seu merecido destaque. O “ele” com a boca aberta e a língua fazendo charme no céu da boca. Fora preciso ir a Roma para descobrir a beleza do próprio nome. O responsável pelo embarque ainda não terminara de chamá-la pela última vez e a manicure, ainda mastigando, lhe estendia passaporte e cartão.

No crachá constava Tardelli. Sorriu ao vê-la. Sem reação. Dois ou três segundos. Olhares cruzados. Um pisar que falseia no bambear de uma perna amolecida. Tão belo quanto Gianecchini. E ao vivo.

O acesso à aeronave seria remoto. Em ônibus clausura. Aquecimento no talo. Uma estufa sobre rodas. Apetecível a muitos friorentos.

Com certeza ele viria anunciar ao motorista o fim do embarque. Ninguém merece ser condenado a ver Tardelli uma única vez.

Talvez por isso mesmo, Amélia não voltaria a vê-lo. Pelo rádio, alguém autorizou a partida. E o edifício do aeroporto foi se apequenando na distância. Levando consigo para sempre a miragem em miniatura daquele exemplar único da beleza masculina.

Axila arejada do fiscal

Veneza, finalmente. Antes mesmo de digerido o pimentão.

20 Tesão de viver

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Dô e o tio endinheirado vibravam por Amélia. A Itália, ela mesma, esperando logo ali, do lado de lá da porta que gira sozinha. Agora, sim. A realidade do sonho tantas vezes sonhado. Já viam Amélia de joelhos. Pondo as mãos no chão. Mas ainda não. A fila de gente ereta na imigração retardaria a contração genuflexa. Os boxes que recebiam um a um os turistas faziam lembrar as quermesses da infância.

As casinhas com números e o coelho, que, saindo do centro, escolhia uma para entrar. Fazendo a alegria da criança portadora do bilhete certo. E despertando nas demais algum ódio pelo animalzinho fornicador.

Se em Guarulhos Higino e seu comprimido redondinho tinham aliviado o tédio da fila, aqui a lucidez maior revelava sua crueldade. Com todos os segundos do relógio chateando a alma. Os mesmos desconhecidos na frente e atrás andando de pouquinho. No passo e no compasso da má vontade indelicada dos fiscais da identidade.

Mas como fila de imigração também é vida, acaba por acabar. Chegara a vez de Amélia, bem como a de seus mecenas. Com a axila arejada, o braço empinado do agente desceu arreado de lá de cima. Zunindo com ele, o carimbo lambido na esponjinha. Mais de metro percorrido antes de colidir, com estrondo, na página limpinha do passaporte todo virgem.

Pronto. Não doeu tanto assim. Tudo de chato ficara para trás. Passagem rápida pelo hotel. Só para deixar as bagagens. Não havia chão a não pisar. Pedra a não tocar. Vento a não sentir na cara. Nativo a não olhar nos olhos. Tempo a não entulhar de vida. E vida a não sorver até a derradeira gota.

Passeio de gôndola. Ponte Rialto. Almoço. Piazza San Marco. Pôr do sol na ponte Dell'Academia. Jantar com vista de águas. As ruas hídricas de Veneza.

Amélia estava feliz. Essa era a certeza de Dô e do tio endinheirado. Até que, do nada, depois de um bom tempo de silêncio, duas palavras e um suspiro jogaram tudo por terra.

— Veneza fede!

A Veneza de Amélia

Expectativas de uma vida subitamente convertidas em frustração. Antes era a Veneza dos sonhos. Produção de uma alma “*made in* Serra Negra”. Era também a Veneza das fotos. Vistas com óculos de todas as lentes: encantamento, enfado, esperança, tristeza, desejo. Polidas em lixas, luxos e lixos bem serranos.

Agora, naquele instante mesmo, graças à generosa iniciativa de Dô e do tio endinheirado, surgia bem na cara a Veneza percebida. Por Amélia e seus sentidos. Sem mediação alguma. Muita coisa nova. A cidade ganhou algum cheiro. Um chão

22 Tesão de viver

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

de pisar. E águas para rabiscar com os dedos, no barco em movimento.

Do sonho à visita, da quimera à percepção. Tudo tem a participação decisiva de Amélia. Desde as histórias por ela interpretadas e memorizadas. É claro que de alguma Veneza ela precisou para produzir tudo aquilo. Mas foi com seu corpo que ela viu, cheirou, tocou, degustou, sentiu no rosto.

E com seu espírito, experiências anteriores, repertório, seu jeito próprio de se deixar afetar, atribuiu a todas aquelas sensações algum significado. Algum valor. Fazendo existir aquela Veneza. A Veneza de Amélia. E de ninguém mais. Diferente de todas as outras espalhadas pelo mundo.

Veneza sem Amélia, ou alguém outro para nela viver, sequer se chamaria assim. Não teria história, nem geografia. Não seria bela, nem feia. Não viraria cenário, nem representaria o que quer que fosse. Não atrairia, nem acolheria.

Resta perguntar se, nesse caso, teria sobrado de Veneza alguma coisa. Afinal, todo fragmento de real, por ele mesmo, isto é, fora da relação com algum de nós, permanece um grande mistério.

Veneza é o que é

O ser é. E o não ser não é. Nesse caso, supomos que o mundo em que vivemos seja. Ou que, pelo

menos, participe do ser. De um grande ser. Com “S” maiúsculo. O uso cauteloso que fizemos do verbo “supor” não configura aqui simples frescura intelectual. Porque não temos acesso a esse Ser.

Ao caminhar por aí, no acaso das experiências, o que temos são fragmentos. Estilhaços de mundo percebido. Nada além. Cada flagrante que eu e você fazemos do mundo só se realiza a partir do nosso singular e exclusivo ponto de vista. Pela nossa vista. Da nossa perspectiva.

O resultado perceptivo do mundo nesse flagrante envolve o corpo inteiro. Situado naquela precisa distância e angulação do mundo flagrado. Fora outro corpo no lugar e o flagrante não teria sido o mesmo.

Por isso, a cada instante, cada um de nós vê o seu pedaço de mundo e de um jeito próprio. Mesmo que se trate de uma simples coisa. Uma mesa ou um copo. Cada um percebe de um jeito. Sem coincidência possível. Infinitas mesas, infinitos copos, infinitos mundos percebidos.

E infinitas Venezas.

Ora, se cada um que, como nós, está no mundo o percebe de uma forma, de um jeito, não é tão óbvia assim a existência de um único mundo para todos. Um real comum a todos que o percebem diferentemente só poderia mesmo resultar de uma suposição.

Uma ilusão compartilhada talvez. De que, para além de infinitas Venezas percebidas pelos zilhões

24 Tesão de viver

de turistas que acolhe e pelos que nela habitam, há outra, que não coincide com nenhuma delas, que nunca será percebida como tal, impávida realidade inapreensível e misteriosa.

Só imaginação

Estamos, portanto, dramaticamente enclausurados em nosso próprio mundo. Circunscritos às nossas representações.

E se algum de nós der asa solta à imaginação e criar em sua mente algum mundo nunca encontrado e nunca percebido por ninguém, pois bem, esse mundo imaginado ganha existência como tal, enquanto ideia, com todos os seus atributos confinados no espírito de quem o concebeu.

Assim, seria injusto culpar Veneza pela frustração de Amélia. O real é, e simplesmente é. E no meio desse mundão tão real, Veneza também. É o que é. Com suas cores, formas, cheiros e gentes.

Atributos que serão flagrados ou não, com maior ou menor ênfase, nas circunstâncias particulares de cada encontro. No inédito irrepetível de cada olhar, toque, respiração, esbarrão, conversa ou silêncio. Experiências que se sobrepõem, justapõem, excluem, complementam, significam.

Na hora de compartilhar tudo isso, antevemos a escalada de um Everest. Essa combinação sempre

única, rica e cheia de complexidade não se deixa converter em palavras. Para dar conta de sensações sempre únicas e incomparáveis, contamos com meia dúzia de vocábulos, se tanto. Alegria, tristeza, tédio, amor, desejo, esperança.

Essa constatação não nos eximirá do dever de interagir. O mesmo mundo que tantas experiências nos proporcionou cobrará de nós algum relato, alguma avaliação, algum juízo. Teremos que conseguir dizer algo sobre a vida vivida. Pagaremos alto preço se nos recusarmos. O que exigirá redução e empobrecimento.

— Mas e aí, Veneza. Desde que voltou, você ainda não me disse nada!!! Afinal, que tal? É tudo isso mesmo? Vamos, desembuche!!!

Com efeito. Os afetos e sua infinita riqueza, bem como o mundo percebido que lhe deu causa em dedilhar irrepetível, tudo isso já vai longe. Só algumas cordas seguem vibrando.

Bela, feia, perfumada, malcheirosa, maravilhosa, frustrante são palavras. Matéria-prima paupérrima para dar conta do que foi a vida. E mais ainda para atribuir valor a um mundo cuja riqueza dá nó em nossos juízos.

Mas essa mesma matéria-prima de poucas palavras cumpre sua função social. Permite preencher um vácuo. Livrar de enrascadas. Ante chatos de carteirinha, que depois de um dedo de prosa e um café se acomodam no sofá esperando pelos outros nove.

Veneza de Serra Negra

Queiramos ou não, a forma como percebemos uma realidade que nos é dada implica tanto o impacto que enseja sobre nossos sentidos como todas as representações que a partir disso elaboramos. Significados e valores que a ela atribuimos.

Moléculas de odor viajam pelos ares. Invadem nossas narinas e as provocam. Circuito neural acionado, comunica ao cérebro a percepção do odor. Mas não é apenas a ideia de uma sensação olfativa que povoa nosso espírito nesse instante. Justapõe-se a ela uma outra. Em assustadora concomitância. O valor de fedido, cheiroso etc.

Outras narinas afetadas pelas mesmas moléculas as perceberão diferentemente. Como as palavras são poucas, a palavra fedor pode até coincidir. Mas nunca o mau cheiro efetivamente sentido.

Às vezes, as percepções discrepam ainda mais. Basta um nariz entupido. Ou um impacto olfativo muito forte, segundos antes. Neste caso, o insuportável para uns sequer será sentido por outros. E o mesmo ventinho, portador das tais moléculas, que está causando náusea neste aqui, merece respiração profunda, de encher os pulmões, por parte daquele lá.

Que testemunhem os ares que abandonam nossos corpos, passando por onde podem, em busca de liberdade. Para nós mesmos, bem OK. Para alguns bem especiais entre nós, como meus colegas

de escola na primeira adolescência, odor agradável. Já para os outros...

Mas não é apenas pelo modo de atribuir sentimento ou valor que nos frustramos. Há algo mais.

Amélia passa a atribuir outro valor a Veneza, porque aquela de antes, só imaginada, talvez idealizada, agora é confrontada com outra. Com mais cores, cheiros e nuances que livro, pôster ou blogue de viagem algum consegue transmitir.

Dois mundos, duas Venezas. Uma desmente a outra. Pior para a percepção. Pior para a turista. A Veneza amada era a da imaginação. A de Serra Negra. E só ela.

Já o Tardelli, bem, esse Amélia não conseguia tirar da cabeça. Mas da viagem ficara a lição. O italiano que a tirou do prumo é o dela. E só o dela. Flagrado em segundos pelos seus olhos. E imaginado em devaneios insistentes pela sua alma, mais que virgem de paixões assim. Por isso, melhor é deixar no aeroporto o que ficou por lá.

Além do mais, se a Veneza percebida já tinha seus odores característicos, esse negócio de tomar banho na Europa, todo mundo sabe, não é como aqui...